



## SEXO E RELIGIÃO – UM DIÁLOGO EM CONSTRUÇÃO

*Jeremias Romão de Brito<sup>1</sup>*

### RESUMO:

O propósito deste trabalho é fazer uma breve incursão no mundo dos valores que regem a relação entre sexo e religião. O trabalho leva em consideração a abrangência do tema, busca delimitá-lo, estudando do ponto de vista bíblico, a partir de duas passagens do Evangelho de João, nas quais Jesus direta ou indiretamente lida com questões da sexualidade humana e procurando entender como historicamente as representações sociais pessimistas passaram a fazer parte do cristianismo. A partir do aporte teórico de Roger Chartier sobre representações sociais, e do diálogo com as fontes, tendo a fenomenologia e a exegese como métodos, o trabalho procura entender porque as relações entre sexo e religião são eivadas de conflitos e contradições.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religião, Sexo, Cristianismo, Igreja.

### RESUMEN:

El objetivo de este trabajo es hacer una breve incursión en el mundo de los valores que rigen la relación entre el sexo y la religión. La obra tiene en cuenta el alcance del examen del tema, delimita la búsqueda, estudiar desde una perspectiva bíblica, de dos pasajes en el Evangelio de Juan, en la que Jesús o indirectamente se ocupa de las cuestiones de la sexualidad humana y tratar de entender cómo históricamente las representaciones sociales pesimista se convirtió en parte del cristianismo. De lo teórico a Roger Chartier sobre las representaciones sociales, y el diálogo con las fuentes, con la fenomenología y la exégesis de los métodos, el trabajo se trata de comprender, porque las relaciones sexuales y religión son barridas conflictos y contradicciones.

**PALABRAS CLAVE:** La Religión, El Sexo, El Cristianismo, La Iglesia.

### INTRODUÇÃO:

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação (NPGED/UFS), Psicólogo e Teólogo pela Universidade Metodista de São Paulo; Especialista em Violência Doméstica pela USP; Coordenador do Centro de Práticas em Psicologia e Professor de Sexualidade Humana – Faculdade “Pio Décimo”. E-mail: [jeremiasroma@bol.com.br](mailto:jeremiasroma@bol.com.br)

De qualquer ângulo que se queira olhar, o sexo desempenha na vida humana um papel de capital relevância. Sua importância para duplicação dos genes e por conseguinte, reprodução da espécie já foi maior, uma vez que, hoje a engenharia genética já possibilita a duplicação gênica e a reprodução sem o ato sexual, no entanto, seu valor como fonte de prazer e motivação para a vida, ainda não encontrou substituto. Através deste trabalho, procura-se estudar, como e porque o cristianismo incorporou determinadas representações sociais pessimistas e repressoras a respeito da sexualidade humana. O trabalho procurou também entender os posicionamentos de Jesus em duas passagens bíblicas do Evangelho de João, buscando evidências que possam esclarecer a relação entre os ensinamentos de Jesus e os dos primeiros padres da igreja.

## **SEXO E RELIGIÃO**

Mary Del Priore, descrevendo a forma pela qual a sociedade patriarcalista lidava com as mulheres no período colonial, faz alusão ao ideal do amor domesticado, no qual a mulher aparece apenas como um objeto reprodutor, fazendo jus ao que preconizava a Lei canônica no que diz respeito ao fim precípua do matrimônio. Ao se falar na finalidade do matrimônio, é necessário que se entendam duas realidades distintas. Primeira, a manifestação da sexualidade só poderia se dar após o matrimônio, a segunda, diretamente ligada à primeira era que, a única finalidade da relação matrimonial era ter filhos.

Desse modo, Mary Del Priore afirma,

O ascetismo tornava-se o valor supremo. Idolatrava-se a pureza feminina na figura da Virgem Maria. Retornam-se os princípios tristes de Santo Agostinho. Para as igrejas cristãs, toda a relação sexual que não tivesse por fim imediato à procriação se confundia com prostituição. Em toda Europa, as autoridades religiosas têm sucesso em transformar o ato sexual e qualquer atrativo feminino em tentação diabólica<sup>2</sup>.

O que se percebe de fato, é que se por um lado, o sexo é determinado biologicamente antes do nascimento, por outro, as representações sociais a respeito da sexualidade são culturalmente adquiridas e transmitidas através das estruturas sociais. Assim, o imperativo biológico do sexo é a duplicação dos genes e a estratégia usada pelo animal humano para isso, é o desejo, enquanto a do genes é o prazer.

Ao tentar associar o prazer e as alegrias que o sexo oferece, a Igreja acaba condenando os desejos carnis dos quais o sexual é o pior, mas não é só isso, ela condena também as

mulheres, como se elas fossem culpadas pelo fato de serem desejadas pelos homens. Neste sentido, Mary Del Priore, afirma que,

Sendo a mulher um agente de Satã, toda a sexualidade feminina podia prestar-se à feitiçaria. Seu corpo, ungido pelo mal, tornava-se o território de intenções malignas. Cada pequena parte seria representativa desse conjunto diabólico, noturno e obscuro<sup>3</sup>.

Simbolicamente, desde o Jardim do Éden a sexualidade é reprimida e a mulher já começou em desvantagem. Ao punir Adão e Eva, Javé usa pesos e medidas diferentes. De acordo com o texto bíblico as punições arbitradas para a Serpente, Adão e Eva foram desfavoráveis para Eva. Assim, o texto bíblico nos afirma que,

E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi. E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isto? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. Então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a fera, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. [...] No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás<sup>4</sup>.

De todos os castigos atribuídos por Javé ao trio transgressor, o pior foi imputado à mulher, o da perda da sua identidade. A partir daquele momento, além de ter aumentadas as dores do parto, ela não seria ela, pois os seus desejos eram os do seu marido que a dominaria.

É interessante que ao se conscientizar dos seus limites e potencialidades, o homem reconhece-se nu, isso tanto pode significar que ele se despe diante do olhar de Javé que a tudo esquadrinha, como pode também significar um profundo sentimento de culpa atrelado à sua sexualidade. Neste sentido, o texto diz “Então foram abertos os olhos de ambos e conheceram que estavam nus e coseram folhas de figueiras e fizeram para si aventais”. Gênesis 3.7.

A questão que está em jogo aqui, é que representações sociais emergem de um texto tão simbólico como este e como elas interferem na formação do *habitus* das pessoas que nelas acreditam? Entendendo que as coerções externas uma vez introjetadas no modo de ser, agir e

pensar das pessoas, direcionam seus comportamentos e condicionam seus destinos, Jeffrey E. Young, cita Millon, para quem,

As experiências significativas do período inicial da vida podem jamais voltar a ocorrer, mas seus efeitos permanecem e deixam sua marca [...] elas ficam registradas como lembranças, um traço permanente e um estímulo interno incrustado [...] Uma vez registrados, os efeitos do passado são indelévels, incessantes e inescapáveis [...] Os resíduos do passado fazem mais do que contribuir passivamente com suas parcelas para o presente [...] Eles orientam, moldam ou distorcem o caráter dos acontecimentos correntes. Não só estão sempre presentes, como operam insidiosamente para transformar novas experiências – estímulo de acordo com as passadas<sup>5</sup>.

Por ser determinante na formação e estruturação da personalidade humana, a religião tanto pode agir para uma formação ética equilibrada, como pode agir alienando, reprimindo e tornando o ser humano altamente desajustado. Ela tanto pode levar o homem a um encontro responsável com Deus, consigo mesmo e com o próximo, como pode em nome de uma fé irracional, morrer e matar, dependendo dos valores que acha serem os únicos corretos e que, portanto, justificam quaisquer tipos de comportamentos violentos, desde que tais comportamentos sejam praticados em defesa do seu sistema de crenças.

Neste sentido, os líderes religiosos de uma forma geral, desempenham um papel de suma importância no que tange ao sentido dos sentidos das representações sociais e o seu papel na determinação do comportamento humano. Um líder secular, carismático, tem a capacidade de levar milhares de pessoas a imitá-lo desde o modo de falar, vestir, pensar até a comportamentos que desafiam os limites da racionalidade humana. Sendo assim no mundo secular, o que se pode dizer de líderes carismáticos religiosos apoiados pelo o que há de mais moderno na mídia, com pouca ou nenhuma formação bíblica e teológica, falando em nome de Deus, portanto, do absoluto, motivado por interesses nem sempre centrados no fim último da religião, que é religar o homem a Deus? Quem vai contestar aquele que hoje diz fazer o papel do profeta no Antigo Testamento? Em falando o líder, seja ele pastor, padre ou outra denominação qualquer que queira se dar, não são eles que falam, é Deus que manifesta o seu desejo, através deles, e quem ousará pelo menos duvidar silenciosamente no mais recôndito do seu SER? Assim, tais representações tomadas sempre como a mais legítima expressão da verdade, vão sendo inculcadas no inconsciente humano. Em forma de ensinamentos doutrinários, essas representações, primeiro são assimiladas e acomodadas cognitivamente, depois são transmitidas culturalmente através das relações que se dão entre as pessoas. Dessa forma, a mesma religião que liberta, poderá se transformar numa prisão infernal, numa fábrica

de pessoas reprimidas e incapazes de viver com naturalidade. É um perigo não se analisar com equilíbrio e conhecimento, o que os profetas contemporâneos dizem que a Bíblia diz. Como também, é perigoso ler a Bíblia fora do contexto, sem se atentar com o sentido daquele texto, naquele momento histórico na vida daquele povo, que certamente vivia outros valores centrados em outras representações sociais daquela época.

Mas, e em relação ao cristianismo o que se pode dizer do seu posicionamento a respeito à sexualidade humana? Os ensinamentos de Jesus concebiam a sexualidade humana de um ponto de vista negativo?

Luiza Etsuko Tomita, num artigo publicado pela Revista Mandrágora, editada pela Universidade Metodista de São Paulo, ao escrever sobre a homossexualidade a partir do ponto de vista ético-teológico, afirma que,

Em relação ao controle do corpo e da sexualidade pelo cristianismo, podemos perceber que a visão pessimista sobre o sexo não é uma característica do judaísmo e nem dos ensinamentos de Jesus. Essa visão era característica da filosofia clássica (platônica) e entra no cristianismo já nos primeiros séculos, por influência da cultura helênica do mundo greco-romano, onde a religião cristã floresceu. Por influência do estoicismo e da vida monástica, a castidade se tornou a mais importante virtude cristã, derrotando a caridade. Daí para frente, a moral cristã se tornou bastante repressora em relação ao corpo e à sexualidade, exaltando os valores da castidade e da virgindade<sup>6</sup>.

Assim, nas principais passagens bíblicas contidas nos evangelhos, em todas elas, que direta ou indiretamente estão envolvidas questões da sexualidade, Jesus, em nenhuma delas adotou um posicionamento pessimista, discriminador e moralista. Em Sicar, uma cidade de Samaria, sentado junto a fonte descansando, Jesus pede água a uma mulher Samaritana que o repreende dizendo-lhe: “Como sendo tu Judeu, pede de beber a mim que sou mulher samaritana?” Os judeus e os samaritanos não tinham um bom relacionamento, por isso a mulher recriminou o comportamento de Jesus. Houve um pequeno diálogo entre eles no qual Jesus se revela como fonte da água da vida e pede à mulher que vá chamar seu marido. No Evangelho de João, está escrito,

Disse-lhe Jesus, vai, chama o teu marido e venha cá. A mulher respondeu e disse: Não tenho marido. Disse-lhe Jesus: Disseste bem: Não tenho marido, porque tiveste cinco maridos e o que agora tens não é teu marido, isso disseste com verdade<sup>7</sup>.

Além de pedir à mulher que lhe sirva, pois ele estava cansado e com sede, Jesus demonstra por ela consideração positiva incondicional, pois embora judeus e samaritanos não

se falassem, Ele, Jesus, a aceitou de forma incondicional, mesmo sabendo que tivera cinco maridos e provavelmente estaria se relacionando com um homem comprometido com outra mulher. Ao contrário, de assumir um juízo de valores e repreender aquela mulher, Jesus, usa as circunstâncias que os levaram a fonte, ele com sede e cansado, ela precisando levar água para abastecer a casa; ao mesmo tempo em que lhe pede água, oferece-lhe, metaforicamente, um tipo de água que faz a vida ficar plena, preenchida, existencialmente abastecida. A reação da mulher, mostra que ela pouco entendeu do que estava acontecendo, no entanto, a forma como Jesus a tratou marcou sua vida.

Ainda no Evangelho de João, no capítulo 8, versículos 1 a 11, encontramos Jesus tendo que tomar uma posição em relação à mulher adúltera. Tudo indica que Ele estava no templo ensinando o povo. Naquele momento, os fariseus e os escribas trouxeram uma mulher que estava adulterando. O texto relata que,

E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério. E, pondo-a no meio, disseram-lhe. Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato, adulterando, e na lei, nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas, tu, pois, que dizes? Isso diziam eles, tentando-o para que tivesse de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se escrevia com o dedo na terra. E, como insistissem perguntado-lhe, endireitou-se e disse-lhes. Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela. [...] Quando ouviram isso, saíram um a um, a começar pelos mais velhos até aos últimos; ficando só Jesus e a mulher, que estava no meio. E, endireitando-se Jesus e não vendo ninguém mais do que a mulher, disse-lhe: Mulher onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? E ela disse: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem eu também te condeno; vai-te e não peques mais<sup>8</sup>.

Os escribas e fariseus, legalistas como eram, desejavam incriminar Jesus, criando-lhe uma situação embaraçosa, colocando aquela mulher constrangedoramente no meio do povo, como centro das atenções. Afinal, ela fora pega em flagrante adultério, um ato de afronta à Lei Mosaica que era punido com apedrejamento. Naquele momento Jesus tinha que tomar uma posição, se mandasse que se cumprisse a Lei, estaria traindo e negando seus princípios fundamentais no respeito e amor incondicionais ao ser humano, se decidisse que a mulher deveria ir embora sem ser molestada como se nada tivesse acontecido, seria tido como libertino, desrespeitador da lei que ele mesmo viera cumprir. No entanto, Jesus nada diz, não toma nenhuma das posições, apenas escrevia na terra com o dedo. Como eles insistiam ele tomou uma posição que não era esperada por ninguém que ali estava. “Aquele dentre vós que está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela”. Jesus disse isso e voltou a escrever com o dedo no chão. Não se sabe o que ele teria escrito, o que se sabe é que nenhum

daqueles homens teve condições de castigar a mulher e nem mesmo ousaram permanecer no local onde fizeram a acusação. Preocupado com hipocrisia dos guardiões da lei, Jesus os colocou para pensar, mostrando-lhes que antes de olharem para as falhas dos outros, tomassem consciência dos seus próprios erros. Por fim, Jesus se dirigiu à mulher, lhe disse: “Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? [...] nem eu também te condeno; vai-te e não peques mais”.

Longe de tratar a mulher com os rigores da lei, satisfazendo o desejo legalista dos escribas e fariseus, Jesus, não a condena e pede ao aconselhá-la “vai-te e não peques mais”.

Deste modo, há evidências de que as representações sociais pessimistas a respeito da sexualidade humana, não têm origem nos ensinamentos de Jesus, embora possam estar relacionadas com textos isolados da Bíblia, como é o caso dos posicionamentos do Apóstolo Paulo. Escrevendo sobre isso, Nickie Roberts afirma que,

Paulo considerava as mulheres seres “naturalmente” inferiores, eram um tipo de reflexão tardia por parte de Deus, quando a obra séria da criação havia sido completada. Embora os primeiros textos da Gênese descrevessem o homem e a mulher sendo criados à imagem de Deus, Paulo só enxerga o homem como “a imagem e a glória de Deus”. A mulher recebeu o prêmio de consolação, ela era “a glória do homem”. Segundo Paulo, “o homem não vem da mulher” (contrário à evidência biológica) “mas a mulher é que vem do homem”<sup>9</sup>.

É claro que Paulo teve grande influência no que se refere às representações sociais pessimistas a respeito da mulher, no entanto, ele está longe de poder ser comparado aos primeiros padres da Igreja para quem as mulheres se constituíam em risco para vida dos homens. Neste sentido, Nickie Roberts esclarece que,

Os discursos contra as mulheres eram a ordem do dia entre os primeiros padres cristãos. [...] Tertuliano de Cartago (150-230) recomendava que as mulheres usassem roupas de luto perpétuo para expiar à ignomínia e o ódio de terem sido a causa do declínio da raça humana”. [...] “Toda mulher deve se encher de vergonha diante do pensamento de ser uma mulher”, escreveu o caridoso Clemente de Alexandria. São Crisóstomo [...] revelou que “entre todas as bestas selvagens, nenhuma é tão perigosa quanto à mulher”<sup>10</sup>.

A aversão à mulher e ao prazer sexual nos primeiros séculos do cristianismo era tanta, que, São Jerônimo chegou a considerar venenoso “tudo que carregasse dentro de si as sementes do prazer sexual”. Seguindo o posicionamento de São Jerônimo, Santo Agostinho atacou o prazer sexual, imputando-lhe o poder de rebaixar a mente dos homens. Para ele, nada

rebaixava e pervertia mais “a mente dos homens do que as carícias de uma mulher e aquela união de corpos sem a qual não se pode ter uma esposa”.

## **Considerações Finais**

Os estudos a respeito dos ensinamentos de Jesus contidos nos Evangelhos, direta ou indiretamente demonstram que ele estava mais focado no ser humano a partir de uma visão holística. Sua postura é a do judaísmo, cuja visão não concebia o sexo de um ponto de vista pessimista atrelado ao pecado e à degradação humana.

Do ponto de vista eminentemente histórico, a visão pessimista a respeito do sexo, passou a fazer parte do mundo cristão ainda nos primeiros séculos do cristianismo, através da cultura helênica do mundo greco-romano, no qual o cristianismo se desenvolveu. Por outro lado, influenciada pelo modo de viver monástico e pelo estoicismo, a castidade acabou se tornando a mais importante virtude cristã, deixando para trás a caridade, fazendo uma verdadeira e profunda inversão de valores, a ponto de a partir dessas representações, a moral cristã assumir uma postura repressora e pessimista em relação ao sexo e ao corpo. Assim, o corpo passa a ser depositário dos instintos carnis, os quais estão sempre em oposição ao espírito. Desse modo, passam a ser exaltadas as representações sociais a respeito da castidade e da virgindade, as quais são legitimadas pelo confessionário católico como principal foco ideológico da religião.

Levando-se em consideração a Educação como processo civilizador, percebe-se que as mudanças que estão em curso em termos de novos valores na relação entre sexo e religião, não estão se dando a partir da Igreja e seus dogmas, mas a partir do povo, que lenta e gradativamente vai mudando seu modo de ser, pensar e agir ao incorporar novos valores.

Percebe-se que a vida sexual começa cada vez mais cedo, e aos poucos está sendo vivenciada com mais naturalidade e menos repressão. Assim, num horizonte cuja gênese já se prenuncia, há sinais do surgimento de uma ética libertadora, fruto da luta persistente de homens e mulheres que ousaram e ousam questionar o já estabelecido e colocado como verdade, como é o caso da homossexualidade que construiu sob a égide do patriarcalismo, um padrão de “macho”, dentro do qual todos os homens ou se enquadram ou são vítimas de todo tipo de violência.

Desse modo, ao contrário da ética moralista, que é maniqueísta, a ética libertadora traz em seu bojo a inquietação crítica do que está cronicamente posto como verdade, e ao mesmo tempo lança o desafio de se estabelecer o novo, não um novo qualquer, mas um novo capaz de libertar levando as pessoas ao encontro delas mesmas e dos seus semelhantes, com respeito e com amor.

O caminho é longo, o diálogo às vezes emperra e fica áspero, sexo e religião, um dia poderão fazer o caminho de volta ao Éden e nessa possível volta, um dos passos será dado quando mulheres e homens se redimirem do sentimento de culpa que tanto os perturba, assim, haverá mais paz e menos doenças psicossomáticas.

## NOTAS:

<sup>2</sup> PRIORE, Mary Del. **História do amor no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 81.

<sup>3</sup> PRIORE, Mary Del. **História do amor no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 53.

<sup>4</sup> GÊNESES, 3.1-19, In: **Bíblia Sagrada**. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª Ed., em letra grande. São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil, 1996.

<sup>5</sup> MILLON, Apud, YOUNG, Jeffrey E. **Terapia cognitiva para transtornos da personalidade**: uma abordagem focada em esquemas. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 3.ed. – Porto Alegre: Artmed, 2003, p. 18.

<sup>6</sup> TOMITA, Luiza Etisuko, In: **Revista Mandrágora**, UEMESP, ano 5, nº 5, 1999, p. 14-15.

<sup>7</sup> JOÃO, 4.16-18, **Bíblia Sagrada**. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª Ed., em letra grande. São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil, 1996.

<sup>8</sup> JOÃO, 8.1-11, In: **Bíblia Sagrada**. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª Ed., em letra grande. São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil, 1996.

<sup>9</sup> ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Tradução Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998, p. 82.

<sup>10</sup> ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Tradução Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998, p. 83.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as Letras:** por que educar meninas e mulheres?

**Bíblia Sagrada.** Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª Ed., em letra grande. São Paulo. Sociedade Bíblica do Brasil, 1996.

CRUZ, Maria Helena Santana. **Trabalho, gênero, cidadania:** tradição e modernidade. São Cristóvão: editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

PRIORE, Mary Del. **História do amor no Brasil.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

**REVISTA MANDRÁGORA.** Nº 5, Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história.** Tradução Magda Lopes. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

YOUNG, Jeffrey E. **Terapia cognitiva para transtornos da personalidade:** uma abordagem focada em esquemas. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 3.ed. – Porto Alegre: Artmed, 2003.